

## Criatividade, diversificação e aprendizado nas economias locais

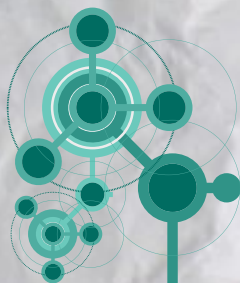
Creativity, diversification and learning processes in local economies

Creatividad, diversidad y aprendizaje en las economías locales



Karin Vecchiatti

- Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
- Mestre em Ciência Ambiental pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental da Universidade de São Paulo (Procam-USP)
- Professora de Criação e Composição do curso de Design Gráfico no Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU-SP)
- Co-organizadora da Coleção “Corpo em cena” (8 volumes)
- Autora dos dois primeiros livros da série As histórias de Alva Gaia, com a temática de educação ambiental voltada para o público infantil
- Diretora do Estúdio Anadarco ([www.anadarco.com.br](http://www.anadarco.com.br))
- E-mail: [karin@anadarco.com.br](mailto:karin@anadarco.com.br)



## Resumo

Este ensaio defende a ideia de que as profissões criativas apresentam a possibilidade de contribuir para o desenvolvimento de uma localidade, uma vez que, em grande medida, apresentam flexibilidade e agilidade na diversificação econômica e apoiam seu desenvolvimento no aprendizado, o que, na gestão de pessoas e empreendimentos, torna-se fator decisivo. O texto, com breves exemplos de iniciativas variadas, apresenta uma abordagem teórica baseada no desenvolvimento, contando ainda com contribuições da aproximação entre as ciências humanas e as ciências naturais.

PALVRAS-CHAVE: ECONOMIA CRIATIVA • DESENVOLVIMENTO • APRENDIZADO.

## Abstract

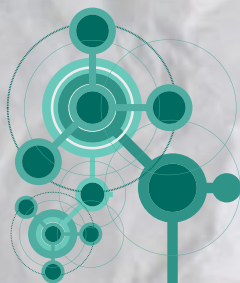
This essay presents the idea that the creative professions show the possibility of contributing to a locality, inasmuch as to a large extent they present flexibility and agility in the economic diversification while sponsoring its development during apprenticeship, which for the management of people and enterprises becomes a decisive factor. The text shows examples of various initiatives, presents a theoretical approach based on development, relying also on contributions of the closeness between human sciences and natural sciences.

KEYWORDS: CREATIVE ECONOMICS • DEVELOPMENT • APPRENTICESHIP.

## Resumen

Este ensayo defiende la idea de que las profesiones creativas tienen la oportunidad de contribuir para el desarrollo de una localidad, una vez que, en gran medida, presentan flexibilidad y agilidad en la diversificación económica y apoyan su desarrollo en el aprendizaje, lo que se convierte en un factor decisivo en la gestión de personas y emprendimientos. El texto, con breves ejemplos de diversas iniciativas, presenta un enfoque teórico basado en el desarrollo, incluyendo también contribuciones de la aproximación entre las ciencias humanas y las ciencias naturales.

PALABRAS CLAVES: ECONOMÍA CREATIVA • DESARROLLO • APRENDIZAJE.



**N**uma dessas felizes coincidências que acontecem quando se está debruçado um trabalho, abri recentemente uma revista de arquitetura que apresentava, como última matéria, a experiência da economia criativa na transformação do centro da cidade de São Paulo. A matéria relata como escritórios de *design*, produção cultural, organizações não-governamentais e coletivos ligados à arte e cultura viram nos preços reduzidos de imóveis do centro degradado uma oportunidade não apenas de ocuparem espaços de trabalho, mas de fazerem parte de um movimento de ressignificação daquele local (Cella, 2015).

Li a matéria enquanto redigia este ensaio, cujo tema central está ligado ao papel das profissões criativas em transformar qualitativamente as regiões onde estão inseridas. Nos últimos anos, o crescimento das profissões criativas e seu impacto nas economias tem estado em alta. Profissões ligadas a cultura, artes, *design*, gastronomia, turismo, produção de *softwares* etc. têm demonstrado participação crescente nas economias locais (Firjan, 2014).

Com esse avanço, questiona-se também em que medida essas profissões e esses setores<sup>1</sup> poderiam contribuir para o desenvolvimento de um bairro, um município ou uma região. Ou seja, levanta-se a preocupação para além de um crescimento econômico e faz-se necessário saber quais os desdobramentos que a economia criativa pode gerar no que se refere a conexões entre pessoas e entre elas e uma região.

O que é possível notar nessa recente, porém intensa ascensão das profissões criativas é que elas são capazes de, com grande flexibilidade, diversificar a economia de uma localidade, ao mesmo tempo em que apoiam sua evolução no aprendizado, gerando identidade a partir do ambiente que criam. Por isso, com diversidade e aprendizado, as profissões criativas tocam em um dos fundamentos mais importantes do desenvolvimento econômico: seu aspecto qualitativo. E assim, não raramente, direta ou indiretamente, beneficiam e transformam uma região.

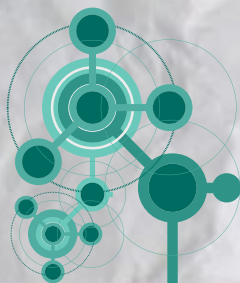
É claro que isso não acontece de forma totalmente espontânea e muito menos acontece em todas as localidades onde setores criativos estão presentes. Além disso, a criatividade, a diversificação econômica e o aprendizado não estão restritos às profissões criativas; podem ser atributos de diversos setores. A diferença, entretanto, é que, nas profissões criativas, esses fatores acontecem com grande intensidade e flexibilidade. E por isso têm a possibilidade de contribuírem de forma efetiva para o desenvolvimento econômico e social de uma localidade.

Aliás, adjetivar a palavra *desenvolvimento* é hoje quase redundante. Um tema muito abrangente, o desenvolvimento, apesar das interpretações errôneas, não se restringe a crescimento econômico. Uma região pode gerar riqueza, mas pode ser pouco desenvolvida. Em poucas palavras, o desenvolvimento ocorre quando uma região é capaz de utilizar os recursos disponíveis para gerar oportunidades para a maior parte de seus habitantes, diminuindo a privação de direitos básicos e garantindo a segurança política, econômica e social. Nesse sentido, podemos sugerir que o desenvolvimento é fundamentalmente qualitativo, questionando não apenas *o que* e *quanto* se produz, mas principalmente *como* se produz e *como se utiliza* os frutos dessa produção<sup>2</sup>.

A formação de um polo criativo no centro de São Paulo é, portanto, exemplo que permite vislumbrar como fatores ligados à *criatividade* podem ter impacto significativo no processo de desenvolvimento. E podem gerar impactos positivos para além

<sup>1</sup> Para mais informações sobre as profissões criativas, ver Reis e Kageyama, 2011.

<sup>2</sup> Amartya Sen (2000), prêmio Nobel de economia construiu sua visão sobre o desenvolvimento apoiado na convicção de que a promoção do bem-estar (o que se quer, afinal, com o desenvolvimento) deve orientar-se por um agir livre e sem ser dominado pelas circunstâncias. Desenvolvimento, segundo Sen, se resume a que as pessoas tenham oportunidade para desenvolver suas potencialidades. Outras questões sobre o desenvolvimento apresento na dissertação de mestrado (Vecchiatti, 2003).



das profissões criativas. Uma cidade que incorpora lições da criatividade em sua gestão, calcando essa criatividade no capital humano e social, estimula oportunidades e é capaz de resolver problemas aparentemente incalculáveis (Landry, 2011, p. 11).

## DIVERSIFICAÇÃO, DIVERSIFICAR, DIVERSIDADE

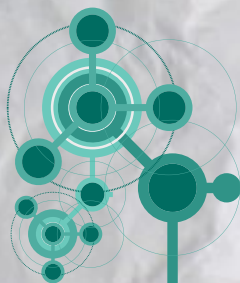
Para melhor compreender as sementes e os desdobramentos desses processos, recorri à obra de uma das autoras que mais me fascina e que há anos me acompanha: a norte-americana Jane Jacobs (1916-2006). Escrevendo ao longo de quarenta anos, Jacobs criou uma vasta obra sobre o desenvolvimento econômico e o dinamismo das cidades. Observando a Nova York da década de 1950, ela entendeu a dinâmica do funcionamento das cidades (grandes e pequenas) e desenvolveu ideias muito presentes até hoje.

Sua trajetória foi curiosa: como editora de uma revista de arquitetura, Jacobs observava que os artigos que publicava sobre urbanismo e planejamento urbano em nada se assemelhavam com o que ela observava nos bairros e nas ruas da cidade. Em suas observações, notou que o desenvolvimento e o dinamismo de um bairro não estava necessariamente ligado a grandes demolições, reformas e intervenções urbanísticas (como defendiam os artigos), mas era sim dependente da diversidade de atividades que o bairro era capaz de gerar e manter. Para Jacobs, o desenvolvimento resulta de mudanças que em grande medida advêm de trabalhos diversificados. Em outras palavras, a diversificação das atividades econômicas tem papel fundamental no desenvolvimento de uma região. Segundo esse raciocínio, regiões *monocultoras*, aquelas que dependem de uma pequena variedade de atividades econômicas (um tipo de produto agrícola ou um tipo de indústria) têm menores chances de lograr e manter o desenvolvimento no longo prazo (além de, geralmente, também estarem fadadas ao esgotamento de seus recursos naturais) (Vecchiatti, 2003).

É curioso como, para muitas pessoas, o desenvolvimento ainda se resume a um apanhado de coisas – fábricas, estradas, prédios, barragens –, todas colocadas sob aquela grande categoria chamada “infraestrutura” (Jacobs, 2001, p. 39), tão necessária para se alcançar o almejado “progresso”. Mas, para Jacobs, de nada adianta o alto investimento em infraestrutura se ele não for acompanhado por um processo de mudanças qualitativas. Apesar de Jacobs ter levantado essas questões há mais de quarenta anos, isso tem especial importância na época atual.

Nas últimas décadas, as economias vêm passando por uma mudança radical: se até meados do século XX a produção de riqueza estava fortemente ligada à produção da indústria, o que significava altos investimentos em maquinário, extração de recursos naturais, investimento em infraestrutura e uma grande mão de obra pouco ou medianamente treinada, cinquenta anos depois a força da produção acaba sendo muito mais dependente das habilidades criativas e intelectuais dos indivíduos. De uma economia focada no *hardware* (sólida e pesada), migra-se para uma economia com ênfase no *software* (leve, fluida), onde o aprendizado, as inter-relações e a comunicação desempenham papel decisivo. Não se elimina a necessidade e a importância dos fatores *hard*, mas eles deixam de ter um papel de primazia. Afinal, é o *software* que faz o *hardware* funcionar.

Essa mudança de paradigma é fundamental para entendermos o papel das profissões criativas no estímulo à diversificação e ao desenvolvimento, uma vez que elas são o *software* por excelência. Ao promoverem um contexto que requer e facilita inter-relações, diversificam economias, além de apoiarem seus processos no fortalecimento de laços (formais ou não) entre pessoas, organizações e lugares. Vejamos como isso acontece:



De forma geral, a diversificação econômica depende da adição de um tipo de trabalho a um trabalho já existente. Há alguns exemplos clássicos desse processo na obra de Jacobs: o ponto de partida inicial da (hoje) multinacional 3M não foram os adesivos, mas sim areia abrasiva. A areia era produzida por uma pequena companhia fundada em 1902 em Minneapolis: Minnesota Mining & Manufacturing Co. Os proprietários e alguns funcionários cavavam, moíam, separavam e vendiam a areia que posteriormente era revendida para fabricantes de peças de metal. O primeiro produto adicionado a esse trabalho foi a lixa. Os fabricantes decidiram grudar a areia em papel e vendê-la a carpinteiros. Lixas não eram um produto novo no mercado, mas representaram, nesse caso, um tipo de trabalho adicionado a um trabalho já existente. No entanto, os fabricantes perceberam que a lixa que produziam não era muito duradoura. A areia não grudava muito bem no papel devido ao tipo de cola que utilizavam.

Tentando solucionar o problema, os proprietários da 3M tentaram desenvolver vários tipos de adesivos e ficaram tão interessados no processo que passaram a fabricar fitas adesivas em vez de lixas. A boa aceitação das fitas fez com que investissem em outros adesivos, e a companhia cresceu produzindo a imensa variedade de produtos adesivos que até hoje oferece.

Os diversos setores da economia participam da diversificação econômica adicionando novos tipos de trabalho a trabalhos já existentes. E isso pode acontecer de forma direta ou indireta: uma indústria pode criar um novo negócio; a chegada de um centro universitário em um bairro estimula a abertura de restaurantes, papelarias e pequenos comércios na região. Quando se analisam as profissões criativas, observa-se como esse processo pode acontecer de forma muito rápida e a custos relativamente baixos: uma biblioteca pode começar a promover exposições de arte; um museu de arte abre uma biblioteca; uma biblioteca abre um pequeno museu. Todos contribuem para a diversificação econômica. E as mudanças, cujos impactos muitas vezes são bastante significativos, são em sua maioria são mais dependentes da criatividade e das pessoas do que dos pesados investimentos em infraestrutura.

Conheço estúdios de *design* (inclusive o estúdio que coordeno) que, além dos trabalhos tradicionais de ilustração, criação de logos e identidade visual, começaram a desenvolver estampas<sup>3</sup>. São desenhos que podem ser facilmente encomendados por confecções e tecelagens. Mas pelo fácil acesso que o maquinário digital oferece atualmente esses pequenos estúdios podem, com uma pequena rede de colaboradores (costureiras e assistência técnica das máquinas de estamparia), fabricar seus próprios produtos estampados. E a venda se dá por atrativas lojas virtuais construídas pelos próprios *designers*. O que deve ser ressaltado aqui é que a maior parte do trabalho é feita inteiramente pelo próprio estúdio, a um custo baixíssimo se comparado ao da indústria (já que os profissionais do estúdio não estão tentando abrir uma confecção). O importante a ressaltar é que a partir de sua atividade tradicional – criação e *design* – os estúdios geram outras atividades – estamparia de lenços e camisetas, além de vendas pelo *e-commerce*, contribuindo para a diversificação econômica local.

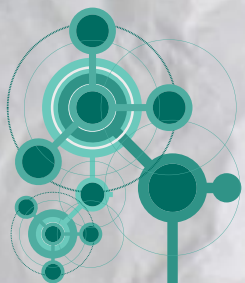
Interessante nesses processos é que, como num ciclo de retroalimentação positiva, quanto mais diversificação econômica é gerada, mais diversidade ela gera, pois na diversidade há mais elementos e pessoas capazes de implementar outras inovações. Sobretudo nos exemplos dos estúdios que criaram produtos com estampas e dos criativos que estão ocupando o centro de São Paulo, mais do que se apoiar em aspectos *hard*, há nessas experiências uma necessidade de se interligar troca de informação, tecnologia e capital. Esses processos criativos primam pelas inter-relações entre pessoas e organizações, sejam elas grandes ou pequenas; e assim, no processo de diversificação, acabam gerando desenvolvimentos paralelos, ou codesenvolvimentos.

## PLANEJAMENTO PARA A DIVERSIDADE

Importante notar que esses processos podem não acontecer de forma totalmente espontânea. Os estúdios de *design* puderam imprimir suas estampas e vender seus produtos, pois, além de um conhecimento sobre os *softwares* de desenho e

<sup>3</sup> Ver: [www.amestudio.com.br](http://www.amestudio.com.br) e [www.amandamol.com.br](http://www.amandamol.com.br), em Uberlândia, MG, e [www.anabazar.com.br](http://www.anabazar.com.br), em São Paulo.





*webdesign*, tiveram acesso a tecido, costura, técnicas e maquinário de estampa pequena e de baixo custo. Se estivessem em uma região onde o contato com esses colaboradores e fornecedores fosse mais difícil ou inexistente, dificilmente diversificariam suas atividades com êxito. Portanto, nota-se que há um papel importante que os municípios desempenham no processo de diversificação e que, dessa forma, o planejamento e as ações empreendidas por tomadores de decisões podem facilitar alguns processos a favor da diversificação econômica.

Uma das possibilidades está em se fomentar a diversidade de uso do espaço onde residências, locais de trabalho, edificações e empreendimentos de diferentes naturezas e espaços abertos propiciem uma sustentação mútua e constante entre si, tanto econômica, quanto social. Os componentes dessa diversidade podem diferir muito, mas devem complementar-se concretamente. Isso significa que não adianta planejar polos ou *clusters* criativos sem que tenham apoio na diversidade. Caso contrário, estarão fadados ao fracasso, sofrendo problemas similares aos das regiões monocultoras. O planejamento, ao induzir condições que geram diversidade, pode estimular a vitalidade de um bairro ou uma região. Quando geram diversidade, essas áreas podem ser extremamente dinâmicas ao propiciarem solo fértil para a concepção e realização dos planos de várias pessoas. Podem, em última instância, oferecer oportunidade para o desenvolvimento de iniciativas empreendedoras.

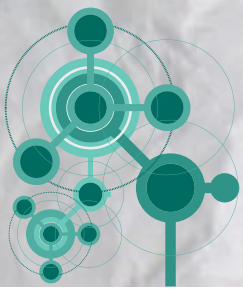
Se, por um lado, as profissões criativas podem gerar diversificação, por outro também dependem de um certo grau de diversidade para se desenvolverem. Trata-se de uma sustentação mútua e complexa entre os empreendimentos que surge ao longo do tempo. E as experiências malsucedidas são aquelas que visivelmente carecem dessa sustentação.

Regiões turísticas nas quais a maior parte dos empreendedores vêm de fora e que não desenvolvem laços com a população e empreendimentos locais; onde a construção visual dos atrativos turísticos em muito difere de tradições culturais da localidade; ou ainda, onde empreendedores, mesmo que locais, são incapazes de desenvolver ou atrair outras atividades gerando inter-relações, significado e sensibilidade, dificilmente conseguirão gerar a diversidade necessária para que o desenvolvimento retribua a região de forma acolhedora e sustentável no longo prazo.

Guararema, um pequeno município com características rurais localizado na região metropolitana da cidade de São Paulo, abriga um interessante monumento geológico a cerca de três quilômetros de seu centro. Antes visitada apenas por moradores locais, a Pedra Montada<sup>4</sup> foi transformada em parque pela prefeitura local, cujo objetivo era, além de preservar o monumento, estabelecer no lugar um ponto turístico. Assim, há alguns anos, em torno da Pedra Montada foi construído um belíssimo *deck* de madeira cujos diferentes níveis, além de conduzirem até a pedra, também conduzem a uma lanchonete e a um restaurante. Além da Pedra Montada, há a Pedra do Tubarão, que pode ser visitada ao se percorrer uma trilha de dois quilômetros. Um *playground* e sanitários compõem ainda a infraestrutura do Parque da Pedra Montada.

O projeto arquitetônico é inegavelmente integrado à paisagem local e o parque é cuidado de forma exemplar: há horário de abertura e fechamento, a limpeza é impecável e uma equipe de guias/seguranças locais estão atentos para que não haja depredação. Apesar disso, o Parque da Pedra Montada peca por não gerar uma função interativa com o território, além de não promover outras inter-relações ou diversificações locais. Sua lanchonete serve alimentos industrializados (aqueles facilmente encontrados na cidade grande) em vez de fomentar a produção de alimentos orgânicos e receitas locais; o restaurante, atualmente fechado, perde por não promover apresentações de música, o que convidaria visitantes a permanecerem no local; a própria relação com o monumento geológico não apresenta desdobramentos. Não há informações significativas sobre a geologia, curiosidades etc. O que se sabe é que a Pedra Montada é do período neolítico e que mede 9 x 2,5 metros. O visitante sai praticamente tão informado como quanto entrou. O local não oferece artesanato ou venda de produtos locais. E os visitantes chegam apenas de carro.

<sup>4</sup> Disponível em: <[www.guararema.sp.gov.br/turismo](http://www.guararema.sp.gov.br/turismo)>. Acesso em: 20/6/2015.



Em resumo, não há na Pedra Montada um desdobramento de iniciativas que gerem diversificação e vínculos com o local capazes de criar uma identidade ao longo do tempo. Investimentos assim perdem oportunidades. Fecham-se em si mesmos, correndo o risco de não perdurarem. Visitando-os uma vez, não há muitos motivos se retornar ao local. Isso mostra que os setores criativos podem ter significativa participação no desenvolvimento local, mas para isso precisam de algumas condições mínimas para que a diversidade seja estabelecida. Que condições são essas? A infraestrutura é sem dúvida fundamental e necessária, mas a ciência e a arte do planejamento devem catalisar e nutrir relações funcionais densas, porém diversificadas.

Vejamos, por exemplo, o que tem acontecido nos últimos dez, quinze anos na Avenida Paulista, em São Paulo. Durante o dia e durante a semana, essa famosa via da capital paulista tem suas calçadas em grande parte tomadas por funcionários dos escritórios que habitam os altos e imponentes prédios comerciais. Apesar de haver uma certa efervescência cultural durante a semana, a Paulista é, em sua maioria, um centro de negócios. Nos finais de semana e feriados, essa paisagem se altera. As largas calçadas são tomadas por pessoas que passeiam, que circulam entre os centros culturais (Itaú Cultural, Casa das Rosas, Masp, Sesc, Teatro Fiesp e Conjunto Nacional), salas de cinema (Reserva Cultural e salas nas ruas paralelas), centros de compras (lojas Marisa, Renner, Riachuelo, Shopping Paulista, Shopping Cidade São Paulo, Livraria Martins Fontes, Livraria Cultura, Top Center e Center 3), além de vários bares e cafés. Ainda nos finais de semana, a feira de antiguidades no Museu de Arte de São Paulo (Masp) e a feira de artesanato no Trianon atraem vastos públicos. O Parque Trianon convida pais e crianças a frequentarem esse remanescente de mata atlântica e a ciclofaixa percorre os quase três quilômetros da avenida. Tudo isso é ainda complementado pelos artistas de rua – músicos e artesãos – que coloreem de forma inusitada o trajeto do passeio. Complementado ainda pela efervescência da vida noturna nas ruas Augusta e Frei Caneca, aos finais de semana, o “calçadão” da Paulista recebe ares de “domingo no parque”<sup>5</sup>.

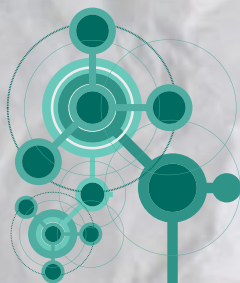
Notemos que nada disso acontece totalmente por acaso. A diversidade de atividades que invade a Paulista principalmente nos finais de semana não seria possível se os prédios comerciais não fossem permeados pelos centros culturais, pela moda, pela música e pelo artesanato e se, principalmente, as calçadas da avenida não tivessem a largura que atualmente têm. Interessante notar que o uso das calçadas é o grande responsável pela geração de vitalidade e de uma função interativa com o território. São inúmeros pequenos encontros que promovem “confiança” sem implicar em comprometimento pessoal (Jacobs, 2001). Trechos que criam obstáculos à locomoção dificilmente atraem cafés, música, ateliês... Já um lugar minimamente agradável para as pessoas estarem (com calçadas largas, vias arborizadas etc.) pode atrair diferentes empreendimentos e gerar dinamismo. É claro que o comércio desempenha um papel importante na circulação das pessoas aos finais de semana pela Paulista, mas ele está longe de transformar a avenida num centro de compras. O que catalisa e nutre relações funcionais densas e diversificadas aos finais de semana são principalmente as atividades ligadas à cultura, que por sua vez são permeadas por pedestres e bicicletas, criando relacionamentos num todo orgânico<sup>6</sup>.

## COMPLEXIDADE, APRENDIZADO, RESILIÊNCIA

Ao criarem relações flexíveis, porém complexas, entre pessoas, e entre pessoas e organizações, os setores criativos também contribuem para a transformação qualitativa de uma região. Enxergar e compreender essas relações requer um olhar atento para as sutilezas.

<sup>5</sup> Por ocasião de finalização deste ensaio, a Prefeitura de São Paulo concluía a proposta de fechamento da Avenida Paulista todos os domingos para veículos e abertura para pedestres e ciclistas. A Paulista é a primeira entre as demais ruas que serão abertas aos domingos. A previsão é que outras vias em regiões periféricas, que estão em processo de audiência pública, tenham uma rua para lazer aos domingos.

<sup>6</sup> Importante observar neste momento que pequenez e diversidade não são sinônimos. A diversidade de empresas em um local pode incluir toda a variedade de tamanho, mas uma grande variedade significa, sim, segundo Jacobs, maior proporção de pequenos elementos. No exemplo da Avenida Paulista, os pequenos empreendedores são representados pelos artesãos (dentro dos *shoppings* ou nas ruas), músicos e pela feira de antiguidades.



Como o ser humano não é um átomo, suas formas de organização social não podem ser entendidas por uma análise reducionista. Em diversos casos, podem ser compreendidas como consequência de um comportamento não-linear, onde eventos aparentemente insignificantes podem causar efeitos enormes. Portanto, quando falamos de inter-relacionamentos num todo orgânico, estamos falando do funcionamento de sistemas vivos, onde o aprendizado desempenha um papel fundamental. Diferentemente de sistemas físicos, onde a evolução se dá via reações químicas, nos sistemas vivos a evolução se dá via aprendizado (Gleiser, 2002). No que se refere às transformações impulsionadas pela criatividade, isso se traduz num desenvolvimento em rede, uma vez que depende de codesenvolvimentos. E são geralmente os codesenvolvimentos que acabam contribuindo para o importante aspecto qualitativo do desenvolvimento.

Há vários anos, também atraídos por baixos aluguéis, grupos de teatro começaram a habitar imóveis da Praça Roosevelt, em São Paulo, permitindo que, com o tempo, o local alterasse sua dinâmica: de abandono e insegurança, passou a desempenhar significativa efervescência cultural. Os grupos de teatro também fomentaram a intervenção do poder público no local, que acabou reformando a praça e investindo em policiamento. Com as mudanças, a região começa a atrair outros empreendimentos que desejam associar sua imagem àquela construída pelos criativos nos últimos anos<sup>7</sup>. A Praça Roosevelt, com o impulso dos profissionais das artes cênicas, diversificou sua economia e impulsionou o desenvolvimento de seus arredores, gerando diversos codesenvolvimentos.

Na pequena Guararema, o bairro de Luis Carlos começa a mostrar resultados exitosos. As casas centenárias ao redor da estação de trem foram recentemente restauradas pela prefeitura e alugadas a empreendedores do artesanato e da gastronomia. Uma iniciativa do poder público com produtores culturais locais leva espetáculos, apresentações de música e saraus, formando uma agenda cultural no local e atraindo novos visitantes a cada final de semana. Interessante, no entanto, é que a restauração de Luis Carlos não começou por aí. O primeiro empreendimento a chegar foi um empório – café –, espaço de ioga e terapias alternativas que se tornou ponto de encontro em meio à paisagem rural<sup>8</sup>. Além de vender artesanato *fair trade* de diversas partes do Brasil e biomovelaria, o espaço promove cursos e *workshops* voltados para saúde e sustentabilidade, além de vender produtos orgânicos aos sábados. Antes praticamente isolado, o empório agora é acompanhado pelo restauro da vila e pela vinda de outros empreendedores. Mesmo com todas as dificuldades e desafios que essa nova configuração do bairro de Luis Carlos traz para sua gestão (uma vez que o trabalho conjunto entre empreendedores não é lá muito fácil de se promover), não há dúvida de que a geração de todos esses codesenvolvimentos trouxe também maior complexidade para dentro do bairro, o que em muito se associa a um processo de aprendizado: saber reconhecer e decifrar o ambiente, e adaptando-se a ele, mudando-o quando necessário, mantendo-o saudável para as futuras gerações.

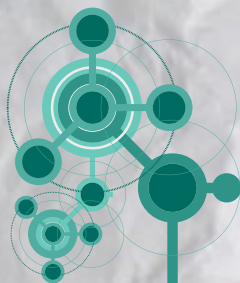
## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os países que dependem de um pequeno número de grandes indústrias, cujas economias são frágeis, podem ser considerados como estando abaixo de um certo nível de complexidade. Se o país só produz laranjas, não importa o montante de investimento, a economia continuará frágil e pouco complexa. Mas se o país diversificar sua indústria e aumentar a complexidade por meio de codesenvolvimentos (o que, por sua vez, requer maior aprendizado), então são maiores as chances de desenvolvimento e inovações. A questão é saber como transformar laranjas em diversificação. Luis Carlos, assim como a Praça Roosevelt, começa a testar mecanismos e estratégias para essa transformação. O desafio diante dos empreendedores, portanto, deve ser encarado como algo positivo.

<sup>7</sup> Sabe-se que o lado negativo de impulsionamentos como a que ocorreu na Praça Roosevelt se reflete no aumento dos aluguéis, muitas vezes expulsando quem deu início à revitalização (um processo conhecido como gentrificação). Não é raro que iniciativas como essas requeiram a intervenção do poder público para regulamentar determinadas áreas e ações de longo prazo.

<sup>8</sup> Ver mais informações em: <[www.megandra.com.br](http://www.megandra.com.br)>. Acesso em: 20/6/2015.





As profissões criativas certamente têm grande flexibilidade na geração de codesenvolvimentos, uma vez que geram ações dependentes da comunicação, das inter-relações, da diversidade econômica (que elas também criam), e do aprendizado. Profissões criativas, portanto, fazem uma conexão direta entre codesenvolvimentos e aprendizado, pois são atividades que têm relação direta com o ambiente onde se instalam. Esse aprendizado permite que essas relações se tornem mais complexas – não no sentido de difíceis, mas no sentido de cuidadosamente inter-relacionadas. E, quanto mais complexas elas forem, quanto mais codesenvolvimentos gerarem (quanto mais se envolverem com o ambiente, decifrando-o e se adaptando), mais resilientes tornam os sistemas onde estão inseridas. Isso significa que, na eventualidade de mudanças econômicas e períodos de crise, os sistemas resilientes são aqueles que melhor conseguem se adaptar e sobreviver às mudanças. Economias que produzem apenas laranjas são infinitamente menos resilientes.

A comparação com a resiliência não é apenas uma metáfora, mas sim uma forma de pensar. Em *Institutions, institutional change and economic performance*, Douglass North (1994), um expoente da teoria econômica institucionalista, compara a evolução dos sistemas biológicos e econômicos, uma vez que a economia institucional e a biologia apresentam uma proximidade metodológica, ambas resgatando a dimensão temporal e a indução em suas análises. Nesse sentido, North afirma que o desenvolvimento é resultado histórico de certas formas de coordenação, quando pessoas tomam decisões ao longo do tempo, influenciadas pelo conjunto de instituições, organizações e representações (mentais). Assim, os sistemas sociais se desenvolvem a partir da 'dependência do caminho' (*path dependence*), onde comunicação, laços de confiança e um ambiente diversificado se tornam fundamentais. A dependência do caminho de North é o que Jacobs sugere como aprendizado.

Por esse ponto de vista, a revitalização e transformação de parte do centro de São Paulo em distrito cultural, como desejam os criativos que se instalaram em prédios emblemáticos, não seria tarefa impossível de se atingir. O incentivo ao diálogo entre as organizações e a relação com o entorno é prática comum entre ateliês, estúdios e coletivos, mostrando uma linha de pensamento que necessariamente conduz à reflexão sobre o investimento em capital humano e social e na valorização do território<sup>9</sup>. Trata-se de um outro olhar para o patrimônio natural e cultural, focando não apenas na conservação de características materiais, mas incentivando, muitas vezes, a formação e a preservação de aspectos intangíveis – baseados no cultivo de inter-relacionamentos, diversificação e aprendizado. À medida que esse outro olhar ganhar força nas localidades, o impacto positivo das profissões criativas para o desenvolvimento das mais diversas regiões, sejam bairros centrais ou pequenos municípios, será, certamente, de enorme valia.

## REFERÊNCIAS

CELLA, Luisa. De volta ao centro. *Revista Arquitetura e Construção*, abril 2015.

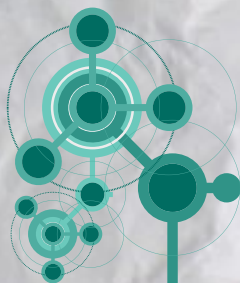
FIRJAN. *Mapeamento da indústria criativa no Brasil*. Rio de Janeiro: Sistema Firjan (Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro), dez. 2014.

GLEISER, Ilan. *Caos e complexidade: a evolução do pensamento econômico*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2002.

JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. *A natureza das economias*. São Paulo: Beca Produções Culturais, 2001.

<sup>9</sup> Ver informações em: <www.centro.com.br>. Acesso em: 20/6/2015.



LANDRY, Charles. Cidade criativa, a história de um conceito. In: REIS, Ana Carla Fonseca; KAGEYAMA, Paulo (Org.). *Cidades criativas: perspectivas*. São Paulo: Garimpo de Soluções, 2011.

NORTH, Douglass. *Institutions, institutional change and economic performance*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

REIS, Ana Carla Fonseca; KAGEYAMA, Paulo (Org.). *Cidades criativas: perspectivas*. São Paulo: Garimpo de Soluções, 2011.

SEN, Amartya. *O desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VECCHIATTI, Karin. *Regiões rurais têm futuro? O diálogo entre economia, sociedade e natureza segundo Jane Jacobs*. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental da Universidade de São Paulo (Procam-USP), 2003.

\_\_\_\_\_. *A natureza ecológica da comunicação*. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, PUC-SP, 2008.

---

Artigo recebido em 10.5.2015 e aprovado em 24.11.2015.